

RABISCO

REVISTA DE
CULTURA POP
rabisco@rabisco.com.br

17 a 30 de novembro de 2003

[equipe](#) | [discussão](#) | [edições anteriores](#)

Edição 30

SÓ O ROCK SALVA

White Stripes passa por cima das expectativas negativas e entorpece a platéia do Tim Festival no dia das bruxas

BOA LEITURA À BEIRA-MAR

Criado para aglutinar a produção literária carioca, o projeto Paralelos e abre os braços para novos escritores brasileiros

PROGRAMINHA NORMAL

Os Normais estreia com sucesso no cinema, mas sem o mesmo charme do seriado

"MUDAR O MUNDO EM QUE QUERO MORAR"

Cariocas do Alpha buscam seu espaço com ideais de transformação e filosofia engajada

HARDCORE BRASILEIRO TEM NOME

Devotos lançam o CD *Hora da Batalha* convidam público para agitar pacificamente na roda de punk

QUEM CONTA UM CONTO...

Eliane Caffé aumenta mais que um ponto em *Narradores de Javé*, uma sensível comédia sobre a tradição do narrar

ATCHIM... AMOR!

Temporada de Gripe faz apologia à paixão comparando-a com uma doença vírica

DUAS VEZES AS HORAS

Livro e filme formam um painel sobre a depressão e deixam o leitor/espectador mergulhado em imagens atordoantes

NEÓFITOS

O mercado editorial está mal das pernas, as feiras de livros, fracas, e novos escritores, cada vez com menos chances. Mas ainda se encontram preciosidades no meio disso tudo

#53: A febre por baixar filmes na web é sintoma de um fetiche que o próprio showbusiness difundiu

#30: Ainda não pude dar adeus a Rachel de Queiroz

#2: Briga pela Libertadores promete por fogo na reta final do Brasileirão

BUSCA

OK

Picosearch

DUAS VEZES AS HORAS

Livro e filme formam um painel sobre a depressão e deixam o leitor/espectador mergulhado em imagens atordoantes

por Fábio Costa (fabio_fcosta@hotmail.com)



Á alguns anos, li *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, e fiquei simplesmente fascinado com o livro. A escritora conseguiu reunir uma gama de personagens interessantes para contar a saga de uma família e de quebra parte da história de seu país, o Chile. O livro trazia uma pouco de romance, política, realismo fantástico e suspense misturados de forma exemplar. Logo em seguida fui assistir à versão cinematográfica da obra e saí da sala decepcionado. Nem mesmo o elenco

estrelar (Jeremy Irons, Meryl Streep, Winona Ryder, Glenn Close, Vanessa Redgrave e Antonio Banderas) e a direção do aclamado dinamarquês Billie August (*Mistério na Neve*) conseguiram salvar o filme dos clichês e do péssimo roteiro. Desde então sempre fico com o pé atrás quando o assunto é adaptações, seja de livros, peças, seriados televisivos e até videogames.

Lógico que sempre existem as exceções, como as versões cinematográficas de livros pop (*Alta Fidelidade* e *Um Grande Garoto*, ambos de Nick Hornby, e *O Diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding), de HQs (*X-Men 2*, *Batman - O Retorno*, *Homem Aranha*) e até clássicos da literatura (*Razão e Sensibilidade*, de Jane Austen, *Retrato de uma Senhora*, de Henry James, *Ligações Perigosas*, de Chordelos de Laclos, *A Era da Inocência*, de Edith Wharton, pra citar só alguns). Partindo do princípio que as adaptações existem desde os primórdios da sétima arte, sendo um dos recursos utilizados pela indústria para que o cinema fugisse do rótulo de arte menor e para proletários, até que é natural que algumas delas sejam sofríveis.

Enfim, esse lenço-lenga todo só porque acabei de ler *As Horas*, de Michael Cunningham, obra vencedora do prêmio Pulitzer (uma das maiores honrarias da literatura mundial) e que deu origem a um dos melhores longas que vi esse ano. Assisti ao filme, dirigido por Stephen Daldry (*Billy Elliot*) e estrelado pelo trio Nicole Kidman, Julianne Moore e Meryl Streep (ela de novo), na segunda de carnaval desse ano junto com mais três amigos (não sei se a data foi a mais apropriada, afinal durante o carnaval Fortaleza fica praticamente deserta).

As Horas (o filme) é uma espécie de ode à depressão e ao suicídio. A tristeza das personagens é latente e a atuação de todo o elenco é visceral e comovente. Enfim, uma produção nada fácil e que não agrada a todos. Não é de estranhar a sensação de incômodo e tristeza que dominou a mim e meus amigos quando saímos do cinema.



Passado alguns meses, decidi ler o livro e comprovar a essência da obra. Agora, ao terminá-lo, confesso que fiquei um pouco decepcionado. Não que ele seja ruim, longe disso. *As Horas* é um

livro elegante, muito bem escrito e cheio de possibilidades. Talvez seu maior problema seja sua narrativa lenta e descriptiva, onde nada realmente acontece. É um trabalho para ser apreciado aos poucos, ser lido e digerido durante algum tempo. Outro problema é que assisti primeiro ao filme e, enquanto lia, suas imagens, interpretações e trilha sonora não me saiam da cabeça, o que de certa forma me deixou preso e me impediu de mergulhar na leitura sem expectativas prévias.

Mas o livro é uma obra tão profunda e marcante quanto o filme. A estrutura narrativa que alterna o foco entre as três personagens (que já deixa o espaço aberto para a magistral edição do filme) e a complexidade destas proporciona uma leitura cheia de ramificações. Algumas personagens têm um destaque maior no livro, principalmente na parte de Mrs. Dalloway (Streep), como sua filha e sua amante. Já o filho de Mrs. Brown (Moore) e o marido de Virginia Woolf (Kidman) ganham maior importância no filme.



Tanto o livro quanto o filme tem suas particularidades e se sustentam independentemente, ao contrário de adaptações como os do bruxinho inglês *Harry Potter* ou do herói aracnídeo, que, para o bem ou para o mal, precisam do apelo da obra que lhes deu origem. Agora, o fato de eu ter lido o livro só me tornou mais fã do filme. O trabalho de adaptação do roteiro (de um tal de David Hare) é simplesmente genial. A transposição das personagens para a tela é brilhante e o maior mérito do roteiro é ter transformado um livro extremamente psicológico e com pouquíssimos diálogos em um filme fluído e que captura com louvor a essência torturante do original. *As Horas* é uma obra para ser lida e para ser vista. 🍀